

DESAFIOS E ENTRAVES NA IMPLANTAÇÃO DO PLANTÃO PSICOLÓGICO PERINATAL PARA HOMENS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

¹ Flávio Lúcio Lima; ² Joyce Verissimo Guedes dos Santos; ³ Thais Nayara Andrade de Sousa.

¹ Docente do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Campus Campina Grande; ² Psicóloga graduada na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Campus Campina Grande ³ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

Área temática: Inovações em Psicologia, Psicoterapia e Saúde Mental

Modalidade: Comunicação Oral Presencial

E-mail dos autores flavio.lucio@professor.ufcg.edu.br¹ ; joyce-verissimo@outlook.com²
thais.nayara@estudante.ufcg.edu.br³

RESUMO

INTRODUÇÃO: Apesar das transformações históricas e estudos acerca de gênero, o homem parece não protagonizar seu espaço enquanto pai no processo reprodutivo. Há cultural e socialmente papéis tipificados ao gênero masculino e feminino que influenciam na posição que homem e mulher ocupam na sociedade, sobretudo, na compreensão do lugar do homem no ciclo gravídico-puerperal. **OBJETIVO:** Relatar a experiência de implantação do plantão psicológico perinatal para homens-pais num hospital-maternidade. **MÉTODO:** Trata-se de um relato de experiência, por ser entendido como uma experiência que é vivenciada antes mesmo de ser apreendida pelo pensamento, captada pela reflexão ou distinguida em seus componentes, podendo despertar o conhecimento. **RESULTADOS:** Dado a ausência do pai na rede de saúde, o silenciamento das demandas emocionais advindas do processo de tornar-se pai e atuação no processo reprodutivo é evidente a carência da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem e a necessidade em alinhá-la a realidade social do público masculino, bem como o remonte de estratégias pautadas na promoção de saúde, sobretudo saúde reprodutiva. A experiência vivida denota que a inserção de um serviço de plantão psicológico perinatal para homens num hospital-maternidade público foi em suma desafiadora e permeada por diversos entraves. **CONCLUSÃO:** Foi perceptível compreender que o não funcionamento efetivo do serviço está implicado num debate anterior relativo a construção social do que é ser pai e de estereótipos de gênero. O pai no contexto perinatal não se percebe como uma pessoa que demanda atenção em saúde mental.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Paternidade; Perinatalidade.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, o papel do pai no processo reprodutivo tem sido marginalizado em detrimento ao papel materno cujo protagonismo a todo momento é evidenciado. Culturalmente, o homem é tipificado como o provedor da família, enquanto a mulher é associada ao cuidado e

educação (LIMA, 2014). Tais construções sociais fundadas em perspectivas de gênero influenciam diretamente na maneira como homens e mulheres experienciam o ciclo gravídico-puerperal e performam a parentalidade.

No período perinatal – das 22 semanas de gestação até sete dias após o nascimento – o homem é geralmente visto como coadjuvante. Contudo, tanto homens quanto mulheres passam por mudanças psicológicas, sociais e biológicas durante este período (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007). Neste sentido, o debate sobre a vivência masculina no processo de tornar-se pai e a assistência psicológica disponível ao homem-pai no período perinatal são cruciais para repensar a parentalidade masculina, a saúde mental parental e a saúde reprodutiva da família.

Partindo de tais pressupostos, este estudo buscou evidenciar a importância do protagonismo masculino no processo reprodutivo, oferecendo novos olhares sobre a paternidade e promovendo a saúde mental parental na perinatalidade. Para tanto o plantão psicológico se mostra como um desdobramento da psicologia clínica bastante relevante no que se refere a assistência psicológica em contextos de urgência, sobretudo por se tratar de um serviço com atendimento breve e sem agendamentos (REBOUÇAS; DUTRA, 2010). Portanto, a escuta psicológica proporcionada pelo plantão oferece um lugar de fala ao pai à medida que possibilitará a intervenção junto a variáveis que influenciam na saúde mental parental e da família como um todo.

O estudo integra aporte teórico, descrição e discussão da experiência, além de considerações finais. Inicialmente, explana conceitos do plantão psicológico e do protagonismo paterno na perinatalidade, descreve a experiência prática e discute os achados com base na literatura. Assim sendo, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de implantação do plantão psicológico perinatal para homens-pais num hospital-maternidade.

2 MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência, por ser entendido como uma experiência que é vivenciada antes mesmo de ser apreendida pelo pensamento, captada pela reflexão ou distinguida em seus componentes, podendo despertar o conhecimento. Dessa forma, apesar de não ser a única maneira, podemos aprender por meio de experiências vividas. Destarte, o trabalho a seguir relata uma vivência acadêmica com característica de descrição interventiva. Assim, a

metodologia utilizada permite associações entre teoria e prática, uma vez que o mesmo deve ser combinado pela reflexão crítica, como também o fundamento científico teórico.

A experiência relatada foi realizada através do estágio supervisionado no curso de psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), propondo a oferta de atendimento de Plantão Psicológico Perinatal ao público masculino em um hospital-maternidade público da cidade de Campina Grande-PB. Fundamentada na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), a intervenção visou produzir novos olhares sobre o papel do homem no contexto perinatal, acolher os aspectos emocionais advindos do processo gravídico-puerperal e manejar os impactos na vida do casal e da família, alinhando-se ao fluxo hospitalar e suas características estruturais (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007).

O espaço de atuação foi um hospital-maternidade municipal vinculado ao SUS, considerado um centro de referência para a saúde da mulher. Esta instituição, que atende mensalmente gestantes de baixo e alto risco, possui o título de “Amigo da Criança e da Mulher”, oferecendo serviços de humanização e acolhimento às gestantes e puérperas, garantindo um ambiente acolhedor para a díade mãe-bebê. A experiência foi conduzida na ala verde do hospital, chamada "ala das flores", destinada ao atendimento de parturientes de baixo risco. Além desse atendimento, a instituição oferece serviços multiprofissionais, incluindo pré-natal, parto, puerpério, UTI materna e neonatal.

3 RESULTADOS

Inicialmente, a inserção do serviço de plantão psicológico perinatal para homens-pais encontrou dificuldades em atrair o público masculino, fato este considerado como um dos primeiros entraves. Os homens não se percebiam como necessitados de atenção em saúde mental no contexto perinatal, vendo seu papel principalmente como suporte para suas parceiras. A percepção de que o atendimento psicológico era desnecessário para eles refletiu a construção social dos papéis de gênero. Estudos indicam que essa transição de papéis requer adaptações psicológicas, biológicas e sociais por parte dos futuros pais (SALMELA-ARO et al, 2000). Além disso, o papel paterno no contexto perinatal é frequentemente negligenciado, e a escassez de práticas de saúde voltadas para os homens reforça essa exclusão (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007).

Para contornar a ausência dos homens no plantão, a equipe recorreu a uma busca ativa nas alas do hospital, tentando sensibilizá-los sobre a importância do serviço. No entanto, encontrou-se

uma resistência considerável dos pais, momento que também foi visto como um entrave. Muitos homens estavam mais focados em suas responsabilidades laborais e no apoio imediato às suas parceiras, com pouco tempo ou interesse em participar do plantão psicológico. Essa resistência fundamenta-se em construções sociais e estereótipos de gênero que atribuem ao homem o papel de provedor, deixando a responsabilidade do cuidado emocional principalmente para as mulheres (LIMA, 2014).

Os desafios não se limitaram à aceitação dos usuários e suas crenças sociais. Algumas variáveis contextuais e temporais se apresentaram como entraves. A implantação do serviço ocorreu em um período marcado por eventos externos, como por exemplo os jogos da Copa do Mundo de 2022 e o aumento de casos de COVID-19, que afetaram a disponibilidade e o interesse dos usuários. A falta de engajamento dos profissionais de saúde da instituição no que tange um serviço de atenção psicológica também foi percebido como um obstáculo significativo. A interação limitada com a equipe de saúde, especialmente com médicos e outros profissionais além dos enfermeiros, restringiu de forma significativa a implementação e eficácia do plantão psicológico.

Ademais, variáveis do contexto social e trabalhista se mostraram como entraves indiretos para a implantação do serviço, a exemplo do tempo limitado do pai ao vínculo com a mãe e o bebê na maternidade. A licença-paternidade - que oferece apenas 5 dias remunerados de afastamento do trabalho para acompanhamento da mulher e do bebê - limita a participação ativa dos homens no acompanhamento perinatal (GALVÃO, 2018). Além disso, o Art. 473 da CLT, que concede apenas 2 dias para acompanhar a parceira em consultas, não incentiva uma participação mais ativa do pai no pré-natal, conforme proposto pela PNAISH.

A experiência mostrou que para um serviço de plantão psicológico perinatal para homens ser eficaz, é necessário um trabalho contínuo de educação em saúde que aborde as construções sociais de gênero e promova uma nova compreensão do papel paterno. A integração de estratégias educativas e a criação de um ambiente acolhedor para os pais são fundamentais para superar as barreiras de gênero e promover a saúde materno-infantil. Neste sentido, os resultados desta experiência corroboram com outros estudos sobre paternidade, que também identificam a invisibilidade e o silenciamento dos homens no contexto de reprodução (LADEIRA; SERRANO; APOLINÁRIO, 2021; CALDEIRA et al, 2017; DINIZ et al, 2021). A experiência reafirma a

necessidade de se construir uma atmosfera de acolhimento para os pais, não apenas como um direito reprodutivo, mas também como uma questão essencial para a promoção da saúde da família.

4 DISCUSSÃO

A implantação de um serviço de plantão psicológico perinatal para homens-pais em um hospital-maternidade público enfrentou muitos desafios e entres. O ambiente, focado exclusivamente em mulheres, gerou dúvidas sobre como alcançar os homens "invisibilizados" no contexto perinatal. Os homens não se percebem como necessitados de atenção em saúde mental, acreditando que seu papel é apenas o apoio à suas parceiras (LIMA, 2014).

A implantação do plantão psicológico perinatal visou romper barreiras sociais e destacar a importância da participação masculina durante a perinatalidade (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007). A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) incentiva a participação masculina em processos reprodutivos, fortalecendo o vínculo familiar (BRASIL, 2008; OLIVEIRA et al, 2009). Como se percebe, a implantação de um serviço como o plantão psicológico amplia os propósitos da PNAISH, contudo não se faz de forma tão imediata.

Para que o plantão psicológico seja eficaz, é necessário conscientizar os homens sobre a importância de sua saúde mental. A busca ativa nas alas hospitalares revelou que a participação masculina depende de um processo de educação em saúde que envolva o contexto social. Conversas com os pais mostraram que muitos não reconheciam suas angústias, acreditando que apenas as mulheres precisavam de cuidados em saúde mental (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007).

A falta de tempo e a responsabilidade financeira impedem a participação ativa dos homens no ciclo gravídico-puerperal. A licença-paternidade no Brasil é limitada e não contempla o pré-natal masculino, conforme a PNAISH (GALVÃO, 2016). A maioria dos pais atendidos eram de baixa renda e enfrentavam dificuldades em conciliar trabalho e participação perinatal.

Profissionais de saúde enfrentam desafios em lidar com a assistência ao pai, devido a limitações institucionais e culturais. É crucial que os profissionais de saúde minimizem o impacto da ausência histórica dos homens nos serviços de saúde. Estratégias educativas e participativas são necessárias para incluir os direitos reprodutivos masculinos no contexto perinatal. A experiência mostrou a necessidade de acolher os pais durante o ciclo gravídico-puerperal, promovendo não

apenas seus direitos reprodutivos, mas também a saúde materno-infantil (LADEIRA; SERRANO; APOLINÁRIO, 2021; CALDEIRA et al, 2017; DINIZ et al, 2021).

5 CONCLUSÃO

O projeto de implantação do plantão psicológico perinatal para homens-pais destacou a ausência masculina no ciclo gravídico-puerperal e a necessidade de atendimento psicológico específico. O estudo revelou o impacto dos estereótipos de gênero na intervenção em saúde mental junto a homens-pais no processo reprodutivo. A atuação paterna é essencial para a saúde mental da família e o fortalecimento do vínculo pai/mãe/bebê. Há necessidade de estratégias específicas para homens no ciclo gravídico-puerperal e estudos que ampliem a PNAISH, promovendo intervenções de saúde integradas à realidade social dos homens.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: Princípios e diretrizes. Brasília, DF:** Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, 2008.

CALDEIRA, L. Á. et al. A visão das gestantes acerca da participação do homem no processo gestacional. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 7, 2017. DOI: <https://doi.org/10.19175/recom.v7i0.1417>. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/recom/article/view/1417/1717>. Acesso em: 18 ago. 2024

DINIZ, L. P. M. et al. A presença paterna na consulta pré-natal: um estímulo para a promoção da saúde da gestante. **Enfermagem Brasil**, v. 20, n. 3, p. 353–369, 2021.

FREITAS, W. M. F. E.; COELHO, E. A. C.; SILVA, A. T. M. C. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 1, p. 137–145, 2007.

GALVÃO, L. G. Marco Legal da Primeira Infância: um breve olhar sobre as alterações que reforçam a doutrina da proteção integral desde os primeiros anos de vida. Em: **Cadernos da Defensoria Pública**

do Estado de São Paulo. São Paulo: Escola da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, p. 111–124, 2016.

LADEIRA, M. G. S.; SERRANO, J. P. R.; APOLINÁRIO, F. V. O desafio da atuação do enfermeiro frente a ausência paterna no acompanhamento pré-natal: estratégias e intervenções. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 10, p. 2970–2983, 2021.

LIMA, F. L. A. **Construção da identidade paterna: repercussões no pré-natal masculino**. Orientador: Ana Alayde Werba Saldanha. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 16, n. 1, p. 19–28, 2010.

SALMELA-ARO, K. et al. Women's and men's personal goals during the transition to parenthood. **Journal of Family Psychology**, v. 14, n. 2, p. 171, 2000.